

# Uma análise do poema “Fome no Ceará”, de Guerra Junqueiro

*An analysis of the poem “Fome no Ceará”, by Guerra Junqueiro*

GABRIELLA REGINA DOS SANTOS SOUSA

Estudante do curso Técnico Integrado em Informática (IFPA)

E-mail: gabriellaregina0701@gmail.com

DAYSE RODRIGUES DOS SANTOS

Professora orientadora (IFPA)

E-mail: dayserodrigues180@gmail.com

---

**Resumo:** Partindo de uma breve contextualização do autor e sua obra, este texto visa apresentar uma análise do poema “Fome no Ceará”, de Guerra Junqueiro. A análise deste *corpus* foi baseada nos conceitos de estrutura do gênero literário em questão, incluindo a reflexão acerca da linguagem e do estilo adotado. Para atingir os objetivos, optou-se por realizar a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. A análise foi baseada nos preceitos de Moisés (1974) e Araújo e Mamede (2002), no que diz respeito ao texto poético. Concluiu-se que a comoção do eu poético demonstra afinamento com o contexto da época, pois, apesar de falar de temas cruéis, ele se revela deveras esperançoso.

**Palavras-chave:** linguagem; poema; estrutura; “Fome no Ceará”.

**Abstract:** Starting from a brief contextualization of the author and his work, this essay aims to present an analysis of the poem Fome no Ceará (1877), by Guerra Junqueiro. The analysis of this *corpus* is carried out based on the structure concepts of the literary genre in question. Reflection on the language and style adopted is included. To achieve the objectives, it was decided to carry out qualitative bibliographical research, according to the precepts of Moisés (1974) and Araújo and Mamede (2002) regarding the poetic text. As final results, it is identified that the commotion of the poetic self demonstrates tuning with the context of the time, because despite talking about cruel themes, it reveals itself to be very hopeful.

**Keywords:** language; poem; structure; “Fome no Ceará”.

---

## 1 VIDA E OBRA DE GUERRA JUNQUEIRO

Poeta, jornalista e crítico português, nasceu em Freixo de Espada à Cinta (Trás-os-Montes), em 1850, e faleceu em Lisboa, em 1923. Formou-se em Direito pela Faculdade de Coimbra, em 1873. É eleito, em 1898, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Colaborou em vários jornais, como *A Folha* e *A Lanterna Mágica*. Inicia sua carreira literária com o livro de versos *Duas Páginas dos Catorze Anos*, de 1864. Com a Proclamação da República, em 1910, foi nomeado Ministro de Portugal em Berna.

Suas principais obras são: *A Morte de D. João* (1874); *A Musa em Férias* (1879); *A Velhice do Padre Eterno* (1885); *Os Simples* (1892), considerada a sua obra-prima; *Poesias dispersas* (1920); *Horas de luta* (1924). Guerra Junqueiro foi um fiel e talentoso representante da Poesia Social Revolucionária do seu tempo e de toda a ideologia do século. Sua obra lírica e satírica tem versos de uma pureza e de um lirismo extraordinários. Guerra Junqueiro combateu a monarquia (em *Pátria*) e a Igreja Católica (em *A Velhice do Padre Eterno*). É realista por escrever versos de protesto contra as grandes mentiras, contra a hipocrisia, contra as misérias humanas.

É o mais típico representante da chamada Escola Nova. Talvez o poeta mais popular da sua época, embora hoje se lhe reconheçam contradições e efeitos fáceis. Mas não se deve esquecer do que há de original e poderoso na sua obra: o extraordinário sentido de caricatura, uma capacidade quase primitiva de exprimir as ideias em símbolos vivos e, ainda, a riqueza verbal e de imagens com que contribuiu para a renovação do verso português.

Não é fácil falar de Guerra Junqueiro. Não porque dele não haja o que dizer, mas, ao contrário, porque dele há muito que dizer. Têm sido variadas as considerações que se têm tecido a seu respeito, tanto da sua vida quanto da sua obra, em verso principalmente. Talvez isto se deva a circunstâncias muito reais: de caráter pessoal, uma, a riqueza da sua personalidade aliada à grandeza da sua poesia; de caráter circunstancial, outra, a época em que viveu, com toda a sortida gama das suas variantes.

Às vezes, nós não somos só nós, mas nós e as nossas circunstâncias, nós e a época em que vivemos. Junqueiro entusiasmou-se com a época em que viveu, assumiu-a em pleno e com ela se identificou. Junqueiro não queria ser medíocre. Com as todas dificuldades que o assunto comporta, falemos de Guerra Junqueiro: do homem, do grande poeta que foi, de infatigável e acérrimo lutador político, fixando-nos, de preferência, sobre a sua faceta religiosa, porventura, uma de suas mais apontadas e discutidas características, dado o acentuado tom de anticlericalismo da época em que viveu.

Em 1850, numa pacata vila de Trás-os-Montes, Freixo de Espada à Cinta, sobranceira ao rio Douro, com Espanha a acenar-lhe, em frente, nasceu Abílio Guerra Junqueiro. Diga-se, de passagem, que seus pais o educaram religiosamente, o que, muito naturalmente e até sem se dar conta, porventura, havia de condicionar e até determinar uma boa parte da sua obra poética.

Aos 16 anos, matriculou-se na faculdade de Teologia, na Universidade de Coimbra. Pensaria, então, Abílio Guerra Junqueiro ser um padre da Igreja Católica. Desistindo deste curso, matriculou-se, uns dois anos depois, em Direito, vindo a concluir o curso em 1873.

Inicia Guerra Junqueiro a sua carreira literária de uma maneira altamente promissora, em jornal literário, da direção de João Penha. Aqui cria ótimas relações de amizade com alguns dos melhores escritores e poetas do seu tempo. O poeta Abílio Manuel de Guerra Junqueiro é considerado, por muitos, um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos. Seus poemas ajudaram a criar o ambiente revolucionário que conduziria à República.

Apesar do tom de pena do poeta pelo Brasil, é interessante como ele descreve a grande seca. Guerra Junqueira é um dos poetas da fase realista de Portugal e era voltado

para os problemas sociais. A obra em análise é *Fome no Ceará*, escrita em 1877, justamente quando se inicia a terrível seca de 1877-1879 no Nordeste, a qual, no Ceará, foi até o ano de 1880. A começar pelo título, *Fome no Ceará*, já é possível saber que se trata de uma obra sobre o Brasil, em especial acerca da seca que atinge o Nordeste brasileiro. A obra, considerada realista, é dividida em duas partes.

## 2 ANÁLISE DO POEMA “FOME NO CEARÁ”

Esta seção contempla a análise do poema feita verso a verso, incluindo a estrutura do poema conforme os consagrados estudos de Massaud Moisés (1974).

A primeira estrofe é composta por rimas ricas ABABCCDDE, composta por 9 versos, ou seja, é uma nona. No primeiro verso, “lançai o olhar em torno<sup>1</sup>”, há um chamamento do leitor para que olhe à sua volta e veja o que há no segundo verso, “arde a terra abrasada”, o calor que aflige a terra. “Debaixo da cadente abóbada dum forno” seria a questão do calor intenso que assemelha o céu a um forno. Para dizer quão grande é a sequidão, o eu lírico diz “já não chora sobre ela o orvalho a madrugada”, e, para dizer que a chuva por lá não aparece, “secaram-se de todo as lágrimas das fontes”.

“E na fulva aridez aspérrima dos montes, entre as cintilações narcóticas da luz”, há uma grande ênfase na força da luz solar sobre a terra, que fica cada vez mais seca e, como consequência, a vegetação se torna cada vez mais incapaz de continuar a viver — “as árvores antigas levantam para o ar — atléticas mendigas, fantasmas espectrais, os grandes braços nus” — e encerra a estrofe com uma prosopopeia metafórica impactante. No que diz respeito à estilística, têm-se termos realistas bem salientes: “terra abrasada”, “fulva aridez aspérrima dos montes”, “atléticas mendigas”, “fantasmas espectrais”.

Na segunda estrofe, as rimas são pobres e seguem o esquema AABCCB; classifica-se como sextilha. Nessa estrofe, também não há menção a seres humanos, mas continuam em evidência os termos realistas, como “grandes bois sequiosos”, “aves caem já, sem se abster nas asas” e “um cáustico de brasas”. O primeiro verso diz que, de tão seco e deserto, o campo chega a ser luminoso e os animais (bois) mugem sinistramente diante da situação, as aves nem sequer voam como devem, pois não têm mais forças. O grande motivo do sofrimento dos animais são os raios que, de tão quentes, são brasas na terra.

A segunda sextilha também segue com rimas AABCCB, chamadas de abraçadas, pois ligam dois versos iguais e dois diferentes. No primeiro verso, “o incêndio destruidor a galopar com fúria”, há a figura da prosopopeia, já que, na semântica, o calor é tão forte que chega a incendiar. A comparação do incêndio destruidor com o Átila e a torção dos troncos perante o calor a Laocoonte, uma das mais famosas esculturas antigas desde que foi escavada em Roma no século XIV, denota uma intertextualidade magnífica e torna verossímeis suas palavras. Termos de expressão realista: “incêndio destruidor”, “bosques seculares”, “troncos viridentes torcem-se”, “rubras serpentes”, “fogo em convulsões”.

A quarta estrofe é classificada como irregular, já que há mais de dez versos. As rimas são pobres e ricas e seguem a sequência ABCBCDDEFFE. A prosopopeia aparece

---

<sup>1</sup> Por se tratar de um poema, optamos por não paginar as referências.

novamente no primeiro verso: “o Sol bebeu dum trago as límpidas correntes”. A palavra “Sol” com letra maiúscula destaca a influência dele no contexto; neste caso, aparece como um “vilão”. O Sol secou os rios e os deixou sem mata ciliar “Co’as bordas solitárias”. O termo “co’as” é uma elisão porque há supressão do som. Para se ter noção da quantidade de água evaporada, o eu poético diz “valas gigantescas onde podem caber milhões de párias”. No verso seguinte, há, finalmente, o lado social, pois há presença humana: “existe um povo exangue”. As expressões “filho do nosso sangue” e “um povo nosso irmão” mostram implicitamente a nacionalidade do eu poético (portuguesa). O verso seguinte fala das consequências “ânsias de fome” e também quão graves são “em contorções hediondas”. O eu poético diz saber, através das ondas, “o último grito a desencarnada mão”. Termos do Realismo: “desencarnada mão”, “último grito”, “contorções hediondas”, “ânsias de fome”, “milhões de párias”, “aspecto cruel de valas gigantescas”, “o Sol bebeu dum trago” e “leitos sem água”.

A terceira sextilha contém os seguintes termos da escola literária: “atroz calamidade”, “a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade”, “berços sem amor”, “pairam sinistramente em bandos agoireiros”, “abutres”, “covas e os coveiros” e “dos que nem terra têm para dormir”. A última expressão é crítica social muito evidente e denota o descaso social e a desigualdade social. Na expressão “Senhor!” há uma forte evidência da religiosidade do eu lírico e sua esperança e clamor.

Na quarta sextilha, expressões como “E sabeí” e “sabeí que aí” são um apelo de socorro do eu poético em relação às atrocidades que vê, dentre as quais “mortos nus lambidos pelos cães” e “abutres cruéis [...] devorando os corpos das crianças”. Tais expressões são verdadeiramente realistas porque dizem, com realidade e clareza, as cenas que lhe se faz ver.

A parte II do poema não conterà o esquema de rimas para não tornar esta análise muito técnica e cansativa. Segue-se, então, o que se diz respeito às características da anteriormente referida escola literária. Os termos realistas da primeira estrofe são: “vendaval batida”, “robustos flancos”, “abóbada sombria dos canhões dos titãs” e “rouca artilharia”. Para maior esclarecimento, convém analisar cada verso. No primeiro, o eu lírico revela que até pouco tempo havia vendavais em “quando inda há pouco o vendaval batia” e completa dizendo os locais “grandes montes” e “robustos flancos”. Comparam-se as nuvens a ursos brancos de tão grandes e notáveis no céu (abóbada) e compara a chuva à artilharia dos titãs.

No que concerne à segunda estrofe, os termos realistas são “indômitos”, “escuros”, “como ladrões saltando os muros”, “para roubar”, “ventos aspérrimos, frenéticos”, “ciclopes doidos, epiléticos, com raivas convulsivas”, “bramindo, às chicotadas” e “trôpegas manadas”. Essa estrofe é talvez mais naturalista que realista, pois revela um grande pessimismo, provado por meio dos termos citados anteriormente. Contudo, há um trecho que denota realismo: “para roubar ao camponês o pão”. Trata novamente do social, colocando o camponês como representante da maioria da população cujo principal alimento é o pão (que neste caso significa os bens dos economicamente desfavorecidos). Não se pode esquecer que essa última passagem é apenas uma comparação com a força das enchentes na época das chuvas. Somando as fortes precipitações e os raios, o poeta descreve quão intensas são as tempestades que ocorriam antes da terrível seca.

A terceira estrofe é marcada pela voracidade da fome, disposto em “a fome – a loba – escancarava a goela uivando às nossas portas”, e mais realista quando o eu poético chega ao extremo “berços vazios de crianças mortas” para mostrar que não somente a natureza padecia, mas também a seca estava comprometendo a nova geração da população cearense, matando as crianças, dispersando o povo e esvaziando as tristes choupanas.

Iniciada com a interjeição “oh!”, a quarta estrofe indica que há esperança para aquele povo faminto e já cansado de sofrimento: “pulsou da pátria o coração unânime [...] de mãe piedosa e boa”. Para aliviar e valorizar as lágrimas derramadas, o eu lírico diz: “das imensas lágrimas choradas muitíssimas então foram guardadas entre as jóias da c’roa”. Para melhorar a triste situação, um antípoda ouviu o grande clamor: “além dos mares alguém ouviu”. Ao dizer que o povo faminto implora auxílio, o eu lírico se coloca em coletivo: “o nosso auxílio”. Para completar a ideia de coletividade, é usado o vocativo “vamos” e os imperativos “Abri os corações, abri-os” e “transborde a caridade” e compara aos rios, que se enchem em janeiro. Ao concluir a estrofe, o eu poético lembra seus leitores (insinua-se portugueses) que está no momento de retribuir os préstimos recebidos: “nem pode haver decerto mão avara, que a esmola negue a quem lh’a deu primeiro”.

A derradeira estrofe sinaliza claramente a nacionalidade portuguesa do eu poético: “que é impossível já hoje (isto consola) morrer de fome alguém, pedindo esmola na mesma língua em que a pediu Camões”. O eu lírico clama a seus conterrâneos que ajudem a desolada terra do Ceará. Essa comoção do eu poético comprova o Realismo português, pois os fatos reais são cruéis, porém há esperança!

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema *Fome no Ceará* foi extraído do livro *A Musa em Férias*, da 2ª edição de obras de Guerra Junqueiro (Poesia), organização e introdução de Amorim de Carvalho. Nele é abordada a mortandade no Ceará. Em 1877, quando o poema foi lançado, iniciou-se uma terrível seca que durou até 1879 no Nordeste, porém, no Ceará, foi até o ano de 1880, conforme o site *Jornal de Poesia*<sup>2</sup>. Ainda nesse site, segundo Herbert Smith, um jornalista inglês que percorria o Brasil naquela época, provavelmente cerca de 500 mil, ou mais da metade da população da região, morreram.

Concluimos também que a destreza e a habilidade literária de Junqueiro, ao compor seus versos nesse poema, demonstram a magnitude de um artista preocupado com o lirismo, bem como a estrutura de seu texto. São sílabas poéticas cuidadosamente harmonizadas em rimas interessantes.

A obra menciona a situação do local. Percebe-se que, por causa de um calor enorme, aconteceram secas nos rios e incêndios nas matas, conseqüentemente, fome, morte e calamidade, tanto da parte dos animais quanto da parte dos seres humanos. A produção continua falando como era antes e como foi durante o período e relata que eles clamam por fraternidade e que é inadmissível morrer de fome.

---

<sup>2</sup> <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gjunqueiro02p.html>.

No primeiro momento da composição, há a descrição de relatos tristes, sofridos e comoventes, com uma linguagem mais fácil de entender; em compensação, na segunda parte, por causa da presença de dialeto, há certa dificuldade para entender as estrofes. Mesmo com todas essas características, o poema foi bem elaborado, organizado e apontou fatos interessantes. Dessa forma, a obra tem um grande valor histórico, narrando um trágico e doloroso episódio do Ceará.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P.; MAMEDE, N. Classificador de poemas. *In: Conferência Científica e Tecnológica em Engenharia*. 2002.

COELHO, J. **Dicionário de Literatura**. 3. ed. Porto: Figueirinhas, 1987.

JUNQUEIRO, A. M. G. **Fome no Ceará**. 1974. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gjunqueiro02p.html>.

JUNQUEIRO, A. M. G. **A Musa em Férias**. 2. ed. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1974.

MALTEZ, J. L. da S.; GOUVEIA, M. da C. G. Alguns acontecimentos históricos em paralelo com a geração. Disponível em: [http://home.swipnet.se/maltez/maltez\\_history4.htm](http://home.swipnet.se/maltez/maltez_history4.htm).

MARQUES, A. **Contexto histórico do Realismo**. Disponível em: <http://www.shvoong.com.br/>.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.